

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
RONDÔNIA IFRO - *CAMPUS* CACOAL
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

DAMIANE MECHALCZUK

**BRASIL E CHINA:
ANALISE DAS RELAÇÕES COMERCIAIS DA EXPORTAÇÃO DA SOJA ENTRE
2002 A 2022**

**Cacoal
2024**

DAMIANE MECHALCZUK

**BRASIL E CHINA:
ANALISE DAS RELAÇÕES COMERCIAIS DA EXPORTAÇÃO DA SOJA ENTRE
2002 A 2022**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à coordenação do curso de licenciatura em Geografia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado de Rondônia, Campus Cacoal, como requisito a obtenção do título de Licenciatura em Geografia.

Orientador: Prof. Me. Ayrton Schupp Pinheiro Oliveira.

**Cacoal
2024**



Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Gerador de Ficha Catalográfica do IFRO, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

Mechalczuk, Damiane.

Brasil e China: Análise das relações comerciais da exportação da soja entre 2002 a 2022 / Damiane Mechalczuk, Cacoal-RO, 2023.
30 f.

Orientador(a): Prof. Me. Ayrton Schupp Pinheiro Oliveira.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) –
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia -
IFRO, Cacoal-RO, 2023.

1. Soja. 2. Brasil. 3. China. 4. Relações comerciais. 5. Exportação.
I. Oliveira, Ayrton Schupp Pinheiro (orient.). II. Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia - IFRO. III. Título.

Bibliotecário (a) responsável: Fernanda de Oliveira Freitas Cavalcante, CRB-11/762 (Campus Cacoal)

DAMIANE MECHALCZUK

**BRASIL E CHINA:
ANALISE DAS RELAÇÕES COMERCIAIS DA EXPORTAÇÃO DA SOJA ENTRE
2002 A 2022**

Trabalho de Conclusão de Curso no modelo artigo apresentado ao curso de LICENCIATURA EM GEOGRAFIA, do INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E ECNOLOGIA DE RONDÔNIA, como requisito para a Obtenção do grau em LICENCIATURA EM GEOGRAFIA.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Me. Ayrton Schupp Pinheiro Oliveira

Avaliador 1: Prof. Me. Tiago Roberto Silva Santos

Avaliadora 2: Profa. Dra. Edione Teixeira de Carvalho

**Cacoal
2024**

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	10
2.1 PERFIL GEOGRÁFICO DOS PAÍSES.....	9
3. PRODUÇÃO DE SOJA NO BRASIL E CONSUMO DE SOJA NA CHINA: UMA ANÁLISE GEOGRÁFICA E ECONÔMICA.....	12
3.1 Rota da Soja: Uma rede de fluxos comerciais.....	13
3.2 Construtos e considerações sobre desenvolvimento de relações comerciais.....	14
3.3 A produção de soja no Brasil e o papel no desenvolvimento econômico.....	18
3.4 Relações comerciais Brasil-China (2002-2022), recorte sobre o produto da soja.	20
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31

RESUMO

O objetivo do estudo foi analisar as relações comerciais entre Brasil e China no que diz respeito à exportação de soja, abrangendo o período de 2002 a 2022. Utilizou-se como fontes metodológicas a pesquisa bibliográfica (revisão de literatura), exploratória e qualitativa, com o intuito de compreender os indicadores que influenciam o comércio internacional e suas particularidades econômicas. Além disso, foram coletadas informações quantitativas sobre o comércio de soja entre os dois países, consultando os principais sítios de dados e divulgando indicadores comerciais de forma transparente, como por exemplo, a Secretaria do Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC). Concluiu-se que as relações comerciais Brasil-China na exportação de soja entre 2002 e 2022 apresentam vantagens para o Brasil. A presença chinesa impulsionou a estabilidade, o crescimento agrícola, a modernização sustentável, o fortalecimento diplomático e a estabilidade econômica, embora desafios ambientais exijam uma gestão responsável e sustentável da parceria. Essa representatividade é preponderante para os produtores e organizações ligadas a este segmento produtivo, devido às condições e incentivos fiscais, alfandegários e políticas de câmbio que favorecem ainda mais essa parceria e seus reflexos no crescimento econômico do Brasil.

Palavras-chaves: Soja. Brasil. China. Relações Comerciais. Exportação.

ABSTRACT

The objective of the study was to analyze the trade relations between Brazil and China regarding the exportation of soybeans, covering the period from 2002 to 2022. Methodologically, bibliographic research (literature review), exploratory, and qualitative methodologies were used to understand the indicators influencing international trade and its economic particularities. Additionally, quantitative information on soybean trade between the two countries was gathered by consulting primary data sources and transparently disseminating trade indicators, such as the Ministry of Development, Industry, Trade and Services' Foreign Trade Secretariat

(MDIC). It was concluded that Brazil-China trade relations in soybean exports between 2002 and 2022 present advantages for Brazil. Chinese presence has boosted stability, agricultural growth, sustainable modernization, diplomatic strengthening, and economic stability, although environmental challenges require responsible and sustainable partnership management. This representativeness is crucial for producers and organizations associated with this productive segment due to fiscal, customs, and exchange rate conditions and incentives that further favor this partnership and its impact on Brazil's economic growth.

Keywords: Soy. Brazil. China. Commercial relations. Export.

1. INTRODUÇÃO

As relações comerciais, inegavelmente, são um dos principais canais de desenvolvimento socioeconômico de um país. Em especial quando as transações e os acordos comerciais envolvem produtos considerados estratégicos para alavancar o nível competitivo e, conseqüentemente, a construção de uma cultura, cujas práticas comerciais são mais efetivas e produtivas. Neste viés, a Geografia é a ciência que estuda as relações do homem com o meio, que em sua busca pelo crescimento econômico age como um fator de transformação.

A história do homem sobre a Terra é a história de uma ruptura progressiva entre o homem e o entorno. Esse processo se acelera quando, praticamente ao mesmo tempo, o homem se descobre como indivíduo e inicia a mecanização do Planeta, armando-se de novos instrumentos para tentar dominá-lo. A natureza artificializada marca uma grande mudança na história humana da natureza. Hoje, com a tecnociência, alcançamos o estágio supremo dessa evolução (Santos, 1994 p. 5).

Nesse sentido, as relações internacionais se estreitam, possibilitando interações e comércio cada vez mais instantâneos na busca pelo aumento da economia de cada nação. No caso deste texto, o foco está na aceleração diante de um produto (soja) em um contexto sino-brasileiro. Nas palavras de Santos (1994, p. 15) "sem a aceleração contemporânea, a competitividade que permeia o discurso e a ação dos governos e das grandes empresas não seria possível, nem seria viável sem os progressos técnicos recentes e sem a correspondente fluidez do espaço".

As relações estabelecidas hoje por qualquer nação são pautadas pelos processos técnicos do capitalismo. Logo, relações como a sino-brasileira tiveram seu início em tempos longínquos. Entretanto, os primeiros registros de conexões entre Brasil e China remontam a 1950, marcando a fase inicial das relações sino-brasileiras que se estende desde a formação da República Popular da China, em 1949, até a assinatura do acordo de reconhecimento diplomático entre os dois países, em 1974 (Becard, 2011p. 31).

Essas relações foram afetadas nas palavras de Becard (2011), "a partir da instauração do regime militar brasileiro, em 1 de abril de 1964, o governo de Castelo Branco afastou-se da política externa praticada até então, a chamada política externa independente". As relações entre Brasil e China foram afetadas a partir da

instauração do regime militar brasileiro em 1 de abril de 1964. Ele atribui essa mudança devido ao afastamento do governo de Castelo Branco da política externa que vinha sendo praticada até então, conhecida como "política externa independente" (Becard, 2011).

A referência à "política externa independente" remonta ao período pré- regime militar, quando o Brasil buscava estabelecer relações diplomáticas e comerciais independentes, não alinhadas com blocos político-econômicos dominantes, como os Estados Unidos ou a União Soviética. Essa abordagem buscava a diversificação das parcerias internacionais e uma maior autonomia nas relações internacionais. Com isso a "política externa independente" foi caracterizada por uma série de princípios, incluindo o multilateralismo, a defesa dos direitos humanos, a não intervenção em assuntos internos de outros países e a promoção da paz e do desenvolvimento econômico. O Brasil buscava ampliar suas relações com países em desenvolvimento, incluindo a China, como parte dessa estratégia.

No entanto, com o golpe militar de 1964 e a ascensão de Castelo Branco ao poder, houve uma mudança significativa na orientação da política externa brasileira. O governo militar adotou uma postura mais alinhada aos interesses dos Estados Unidos e uma visão mais conservadora em relação às relações internacionais. Isso resultou em uma distância política entre Brasil e países como a China, que na época era liderada pelo Partido Comunista. Caracterizado como um período conturbado da história brasileira, afetou o país em vários aspectos políticos e econômicos, congelando as relações comerciais (Becard, 2011, p.36).

Durante o governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), apostou-se nas relações com a China, seja no âmbito comercial, nas áreas de investimentos empresariais conjuntos e em projetos de ciência e tecnologia. A partir do ano 2000, registrou-se um forte crescimento da corrente comercial sino-brasileira, o qual pode ser explicado tanto pelo fim do Plano Real no Brasil quanto pela superação da crise financeira na Ásia e pelo surgimento de novos fluxos de crescimento na China (Becard, 2011p. 36).

Com a abertura econômica entre Brasil e China, além da redução dos limites geográficos e tarifas de fluxo logístico e alfandegário, oriundos da liberalização do comércio para países produtores e sua necessidade de estabelecer mecanismos comerciais com países desenvolvidos, tornou-se comum o intercâmbio, permuta e

práticas comerciais (Marques; Campos, 2020). Isso tem fomentado ações e estratégias de negócios mais assertivas, com um alto retorno econômico e financeiro (Simões, 2023), importantes para uma economia como a brasileira. O Brasil, tem buscado cada vez mais estabelecer relações comerciais com diversos países do mundo, considerando o alto potencial produtivo, bem como a rede estruturada e incentivadora de incentivos fiscais e alfandegários com países, como é o caso do comércio com a China.

As estatísticas em si refletem a visão comercial internacional do Brasil, com avanços significativos em seu processo de inserção internacional e crescimento da sua produtividade. A China, Estados Unidos, Argentina, Singapura, Chile, México, Holanda, entre outros, são as principais nações que mantêm sólidos laços e acordos comerciais com o Brasil, refletindo no crescimento econômico e em aspectos e questões sociais, políticas e industriais, especialmente. No contexto comercial, a China tem ocupado uma posição relevante no desenvolvimento econômico do país, especialmente na comercialização de soja, um dos principais produtos exportados para aquele país sendo um componente importante desta relação sino-brasileira (Christoffoli; Almeida, 2023).

O objetivo do presente estudo é discutir as relações comerciais entre Brasil e China no que diz respeito à exportação de soja, abrangendo o período de 2002 a 2022. Para isso, realizou-se uma pesquisa bibliográfica (revisão de literatura), exploratória e qualitativa, a fim de, compreender os indicadores que caracterizam o comércio internacional e suas particularidades econômicas.

Além disso, foram coletadas informações quantitativas sobre o comércio de soja entre os dois países, através da consulta aos principais bancos de dados e fontes de divulgação de indicadores comerciais, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que fornece dados sobre as tonelagens, e o *The Atlas of Economic Complexity* da universidade de Harvard. O objetivo principal foi elucidar e responder à seguinte questão de pesquisa: Como se desenvolveram as relações comerciais entre Brasil e China na exportação de soja durante o período de 2002 a 2022?

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As relações comerciais entre Brasil e China na exportação de soja têm realizado uma função importante no cenário global, o Brasil surgiu como um dos principais fornecedores de soja para a China, contribuindo significativamente para a economia de ambos os países.

Durante esse período, observamos um crescimento exponencial nas exportações de soja do Brasil para a China. Em 2002, as exportações eram modestas, representando uma fração do que se tornaria nos anos seguintes. Esse aumento pode ser atribuído a diversos fatores, incluindo o aumento da demanda chinesa por alimentos e a capacidade do Brasil de expandir sua produção agrícola, especialmente de soja (VILLELA, 2004).

A China, por sua vez, se tornou o principal destino das exportações brasileiras de soja, respondendo por uma parcela significativa das receitas geradas pelo agronegócio brasileiro. Essa interdependência comercial fortaleceu os laços econômicos entre os dois países, contribuindo para o crescimento mútuo.

Embora os benefícios econômicos, as relações comerciais entre Brasil e China na exportação de soja também enfrentaram desafios e tensões. Questões ambientais, como o desmatamento na região amazônica, têm gerado preocupações por parte da comunidade internacional, afetando indiretamente as exportações de soja brasileiras. A pressão por práticas agrícolas sustentáveis e a preservação ambiental tornaram-se temas centrais nas negociações comerciais.

Além disso, as flutuações nos preços das commodities e as disputas comerciais globais impactaram a dinâmica das relações comerciais entre os dois países. A dependência excessiva da China como principal mercado para as exportações de soja do Brasil também levantou questões sobre a vulnerabilidade da economia brasileira a mudanças nas políticas chinesas ou nas condições de mercado internacional (MASSUQUETTI, 2013).

Observando para o futuro, é importante que Brasil e China continuem fortalecendo suas relações comerciais de maneira sustentável e também benéfica. A diversificação dos parceiros comerciais e a adoção de práticas agrícolas mais sustentáveis podem ajudar a mitigar os desafios enfrentados até agora.

A cooperação bilateral em pesquisa e desenvolvimento agrícola, bem como iniciativas para aprimorar a rastreabilidade e a transparência na cadeia de

suprimentos, são cruciais para lidar com as preocupações ambientais. Além disso, é fundamental que ambos os países estejam atentos às mudanças no cenário geopolítico global e diversifiquem suas estratégias comerciais para reduzir a dependência excessiva em uma única relação comercial.

Diante disso, os resultados apresentam que a relação comercial na exportação de soja entre Brasil e China entre 2002 e 2022 demonstrou um notável crescimento, mas não sem desafios. Ao longo do trabalho foram inseridos gráficos e tabelas com os dados referente à temática, com isso, se observou uma interdependência econômica entre os dois países destaca a importância de uma abordagem estratégica e equilibrada para garantir benefícios mútuos a longo prazo.

3. PERFIL GEOGRÁFICO DOS PAÍSES

A exportação de soja entre o Brasil e a China tem desempenhado um papel crucial nas relações comerciais bilaterais ao longo das últimas duas décadas. A compreensão do perfil geográfico desses dois países é fundamental para analisar os fatores que influenciaram essa dinâmica comercial específica. O Brasil, com sua vastidão territorial e diversidade geográfica, destaca-se como um dos maiores produtores e exportadores globais de soja. Fato este ligado ao seu clima e solo, e expansão da fronteira agrícola, especialmente nas regiões do Centro-Oeste e Norte, onde as condições são propícias para o cultivo de soja. O relevo brasileiro, predominantemente plano nessas regiões, facilita a mecanização agrícola e contribui para a eficiência na produção (Aracri, Amaral e Lourenço, 2011).

A expansão da produção de soja no Brasil também está diretamente relacionada à infraestrutura de transporte, incluindo melhorias nas rodovias e investimentos em ferrovias que conectam as áreas produtoras aos portos, facilitando o escoamento da produção. Os portos, especialmente os localizados na região Norte, desempenham um papel estratégico na facilitação do transporte marítimo da soja para os destinos internacionais (Elias, 2022; Castillo e Frederico, 2010).

A China, por sua vez, emerge como o principal destino das exportações brasileiras de soja. Seu perfil geográfico inclui vastas áreas de terras agricultáveis, mas também enfrenta desafios, como a escassez de água em determinadas regiões. Isso faz com que a demanda crescente por soja, impulsionada pela indústria de alimentos e pela produção de ração animal, leve a China a se tornar o maior

importador mundial desse grão (Elias, 2022).

O papel crucial da Geografia chinesa na absorção das exportações brasileiras de soja está relacionado a sua própria organização, a concentração de áreas de processamento e consumo de soja nas regiões costeiras, onde a infraestrutura portuária permite a eficiente recepção das cargas vindas do Brasil. Além disso, a proximidade dessas regiões aos centros urbanos contribui para o consumo interno (Aracri, Amaral e Lourenço, 2011).

A China é o maior importador mundial de soja, e o Brasil é seu principal fornecedor. A localização geográfica da China desempenha um papel central nesse relacionamento comercial. A concentração das áreas de processamento e consumo de soja nas regiões costeiras chinesas é um dos principais aspectos a serem considerados (Aracri, Amaral e Lourenço, 2011).

Segundo Aracri, Amaral e Lourenço (2011), as regiões costeiras chinesas estão estrategicamente posicionadas em relação às rotas marítimas internacionais, o que facilita o transporte marítimo de commodities como a soja, proveniente do Brasil. A presença de portos modernos e infraestrutura de transporte bem desenvolvida nessas regiões permite a recepção eficiente das cargas de soja e sua distribuição interna. Além disso, a proximidade dessas regiões aos centros urbanos chineses é crucial. As grandes cidades chinesas, com suas populações densas e crescentes, são grandes consumidoras de produtos alimentícios, incluindo a soja. A proximidade entre as áreas de processamento de soja e os centros urbanos reduz os custos de transporte e logística, tornando a soja brasileira mais acessível e competitiva no mercado chinês.

Outro ponto importante é a disponibilidade de terras e recursos hídricos nessas regiões costeiras, o que facilita a produção agrícola e o processamento da soja. Isso contribui para a concentração das indústrias de processamento de soja nessas áreas, criando clusters industriais que ampliam a eficiência e reduzem os custos de produção (Aracri, Amaral e Lourenço, 2011).

Ao longo do período analisado, a evolução temporal das exportações de soja entre Brasil e China revela padrões interessantes. Houve um aumento significativo nas exportações brasileiras de soja para a China a partir do início dos anos 2000. Esse crescimento está correlacionado com o aumento da produção nacional e a busca por novos mercados internacionais. O perfil geográfico dos dois países desempenhou um papel crucial nesse cenário. O avanço da fronteira agrícola no

Brasil, especialmente nas regiões Centro-Oeste e Norte, foi acompanhado por investimentos em infraestrutura logística, o que permitiu uma resposta eficiente à crescente demanda chinesa por soja (Castillo e Frederico, 2010; Elias, 2022).

Por sua vez, a China, ao consolidar seu papel como principal importador de soja, otimizou suas rotas logísticas. As regiões costeiras, estrategicamente posicionadas, tornaram-se centros de processamento e distribuição. A geografia chinesa favoreceu a concentração dessas atividades nas proximidades dos portos, garantindo uma cadeia de suprimentos eficiente (Castillo e Frederico, 2010).

O estudo do perfil geográfico do Brasil e da China em relação à exportação de soja entre 2002 e 2022 revela uma interconexão complexa entre fatores naturais, infraestrutura e dinâmicas comerciais. A expansão da produção no Brasil, impulsionada por condições geográficas favoráveis e investimentos em logística, encontrou na geografia chinesa um parceiro estratégico para a demanda crescente (Elias, 2022).

Os desafios ambientais associados a essa dinâmica destacam a necessidade de abordagens sustentáveis que considerem não apenas os aspectos econômicos, mas também os impactos ambientais e sociais. A colaboração entre os dois países pode se estender além do âmbito comercial, envolvendo políticas e práticas que promovam a sustentabilidade na produção e no consumo de soja (Aracri, Amaral e Lourenço, 2011). É fundamental que a relação econômica proporcionada pela soja apresente uma perspectiva interessante no âmbito geográfico e econômico entre as duas nações.

4. PRODUÇÃO DE SOJA NO BRASIL E CONSUMO DE SOJA NA CHINA: UMA ANÁLISE GEOGRÁFICA E ECONÔMICA

A produção e o consumo de soja desempenham papéis fundamentais nas relações comerciais internacionais, com o Brasil destacando-se como um dos principais produtores e a China emergindo como o principal consumidor global. A produção de soja no Brasil experimentou um crescimento notável ao longo das últimas décadas, impulsionado por fatores geográficos e econômicos. A expansão da fronteira agrícola, particularmente nas regiões do Centro-Oeste e Norte. Essas áreas oferecem condições climáticas propícias e solo adequado para o cultivo eficiente de soja, transformando o cerrado brasileiro em terras altamente produtivas.

Além disso, investimentos em infraestrutura de transporte, facilitaram o escoamento da produção dessas regiões para os portos, de onde é exportada para mercados globais (Bastos, 2023; Ribeiro, 2002).

Esse crescimento não ocorreu sem impactos ambientais significativos. O desmatamento, frequentemente associado à abertura de novas áreas para o cultivo de soja, levanta preocupações ambientais e destaca a necessidade de abordagens sustentáveis (Bastos, 2023). No lado do consumo, a China surge como o principal protagonista. Sua ascensão como o maior consumidor mundial de soja está intrinsecamente ligada ao seu rápido crescimento econômico e à crescente demanda por alimentos e ração animal. A geografia chinesa como um elemento crucial nesse contexto. As áreas costeiras, especialmente o delta do rio Yangtzé, tornaram-se centros vitais para o processamento e consumo de soja (Magnanini, 1978).

A transição econômica na China, acompanhada pelo aumento do padrão de vida, resultou em mudanças nos hábitos alimentares. O crescimento da classe média chinesa contribuiu para a diversificação da dieta, aumentando a demanda por produtos alimentícios que têm a soja como componente essencial. A interconexão entre a produção brasileira e o consumo chinês é evidente. O crescimento exponencial da produção brasileira de soja foi, em grande parte, impulsionado pela demanda crescente da China. A infraestrutura logística eficiente facilita a rápida movimentação da soja brasileira dos campos de produção para os portos, de onde é enviada para os consumidores chineses (Ribeiro, 2002).

Entretanto, enquanto o Brasil prospera como um líder na produção de soja, a China enfrenta desafios. A dependência excessiva das importações de soja destaca questões relacionadas à segurança alimentar. A diversificação das fontes de suprimento e o estímulo à produção nacional de soja tornam-se considerações relevantes, especialmente em meio a questões geopolíticas e econômicas globais.

O futuro dessas dinâmicas dependerá da capacidade de conciliar o crescimento econômico com a preservação ambiental e a segurança alimentar. A pressão ambiental resultante da produção de soja no Brasil exige estratégias sustentáveis, enquanto a China busca equilibrar seu consumo crescente com medidas que garantam sua segurança alimentar a longo prazo.

4.1 Rota da Soja: Uma rede de fluxos comerciais

A rota da soja entre o Brasil e a China é uma complexa rede de fluxos comerciais, logísticos e geográficos que desempenha um papel central nas relações comerciais entre esses dois países. Ao longo das últimas décadas, essa rota tem sido fundamental para a exportação eficiente da produção significativa de soja brasileira para atender à crescente demanda chinesa por esse grão essencial. A infraestrutura logística é um componente essencial na rota da soja, assim como os diferentes modais de transporte. Rodovias, ferrovias e hidrovias conectam as vastas áreas produtoras de soja no Centro-Oeste e Norte do Brasil aos portos estratégicos. A expansão das ferrovias e a utilização de hidrovias têm se mostrado cruciais na otimização do transporte, enfrentando os desafios geográficos das extensas distâncias no interior do país (Frederico, 2013; Toniol, Fauro e Serra, 2016).

Os portos são pontos vitais na rota da soja, a localização estratégica dos portos brasileiros na região Sul, especialmente em Paranaguá e Santos, facilita o acesso eficiente às rotas marítimas, permitindo a transferência rápida da soja para os navios com destino à China. Portos bem equipados são fundamentais para lidar com o aumento constante da demanda e volumes crescentes de exportação (Santos, 1994; Cavalcanti, 2012).

Além da eficiência logística, a Rota da Soja enfrenta desafios geopolíticos e econômicos, conforme apontado por Frederico (2013) e Marques (2018). Mudanças nas relações comerciais internacionais, políticas governamentais e variações nos preços globais da soja podem impactar diretamente a dinâmica da rota e os volumes de exportação, tornando necessária uma abordagem adaptativa. A sustentabilidade é uma consideração crescente na Rota da Soja, conforme destaca Cavalcanti (2012); preocupações ambientais relacionadas ao desmatamento e à expansão da fronteira agrícola no Brasil exigem estratégias sustentáveis. Práticas agrícolas responsáveis e a preservação de áreas ecológicas sensíveis são essenciais para garantir a sustentabilidade a longo prazo dessa rota vital.

Olhando para o futuro é essencial a importância de considerar inovações tecnológicas na análise da Rota da Soja. Tecnologias como monitoramento por satélite, automação agrícola e melhorias na gestão da cadeia logística podem aprimorar a eficiência e reduzir os impactos ambientais, contribuindo para uma abordagem mais sustentável e inovadora (Marques, 2018).

4.2 Construtos e considerações sobre desenvolvimento de relações comerciais

Claramente, a globalização, acompanhada pela adoção e incorporação de novas tecnologias de informação e telecomunicação (TICs), além do fortalecimento de blocos econômicos e geográficos, têm contribuído para promover uma maior integração entre os diversos países do mundo. Isso, por sua vez, tem estimulado o desenvolvimento de relações comerciais baseadas em interesses mútuos e não excludentes, visando construir bases sólidas para o crescimento econômico.

Segundo Pereira (2004. P. 29):

O crescimento da oferta do grão se concentrou nos três principais produtores mundiais: 32,5% ou 3,9% ao ano nos Estados Unidos, 142,9% ou 9,3% ao ano no Brasil e 198,3% ou 11,5% ao ano na Argentina, no caso do Brasil, a forte expansão está relacionada à desoneração tributária da Lei Kandir, após 1997, a uma forte racionalização e profissionalização do produtor e sua capitalização, ... O crescimento na oferta brasileira se refletiu principalmente nas exportações de grão, em detrimento do farelo e óleo: a Lei Kandir, a estrutura fiscal brasileira e a política de importações da China tiveram papel fundamental no crescimento das exportações da matéria-prima, China se tornou o maior importador mundial de soja grão.

Com a abertura econômica e a liberação do comércio, por meio de reduções e manutenção significativa das tarifas alfandegárias, os custos de movimentação e de fluxo logístico e a minimização das barreiras que obstaculizavam o estabelecimento de parcerias comerciais mais estratégicas observaram-se maior ritmo e dinâmica para articulação econômica e política entre as nações, em especial dos contatos entre os países de primeiro mundo e as suas relações com os demais segmentos (Turnowski, 2022).

Nas palavras de Pereira (2004. p. 30).

O fator fundamental para expansão da produção e do consumo de soja na última década está ligado aos estímulos da demanda: a conversão da proteína vegetal em animal, basicamente através da produção avícola (frango) e suína, foi o fenômeno que permitiu as grandes populações espalhadas pelo mundo, principalmente nos países da Ásia, aumentar o consumo de carne... A China não importa farelo, pois tem uma política de favorecimento à indústria instalada no País.

O comércio internacional, dentro dos aparatos de desenvolvimento, tem, pois,

exercido destaque expressivo e influências nas abordagens de concepção, adoção e também avaliação de modelos capitalistas que perpassam conceito de crescimento econômico. Igualmente, ante as diversas perspectivas que envolvem fenômenos da recuperação financeira, do restabelecimento do valor da moeda, internacionalização das empresas e observância dos critérios de competitividade (Ramos, et al., 2020).

Dentre as competitividades revela as dependências do mercado internacional de alguns segmentos de consumo, por exemplo, neste texto se concentra no segmento da soja e sua procura no mercado internacional.

Cunha e Espíndola dizem que:

As exportações chegaram a 99,9 milhões e o destino principal é a china, para onde vão 59 milhões de toneladas. Cerca de 90% do consumo é destinado ao esmagamento, dos quais 80% é para farelo e 20% para óleo de soja (usda, 2014) a relação entre produção e consumo de grãos de soja na china revela sua dependência em relação ao mercado internacional, pois o país importa 87% dos grãos que consome (Cunha e Espíndola 2015. p. 220).

Essas problemáticas se destacam principalmente no que tange à estruturação de ações de governança da política comercial e, pois, de melhoria em infraestrutura para desenvolvimento de relações comerciais. Cada vez mais, os diversos países têm buscado estabelecer acordos de perspectiva comercial, a fim de estreitar os laços ou firmar mecanismos produtivos, competitivos ou intercâmbio de bens e dos fatores de produção para fomentar o seu desenvolvimento e crescimento econômico, (Silva, Ferreira; Lima, 2021).

Nesse sentido a China faz o uso da importação da soja para suprir a demanda de produção para seu consumo direto e indireto, segundo Espíndola 2015:

Quando se fala nos produtos do processo de esmagamento, farelo e óleo, a China lidera a produção, com 54 milhões de toneladas de farelo (crescimento de 10,43% ao ano) e 12 milhões de toneladas de óleo (27% do total), pois possui a maior capacidade industrial de processamento do mundo, capaz de ofertar óleo para sua população de 1,357 bilhão de pessoas (ONU, 2013) – o consumo aumentou, em quinze anos, 285%, chegando ao patamar de consumo per capita de 10 kg/ano – e farelo para sua poderosa agroindústria de carne, sobretudo, a suína" (Espíndola 2015. P. 224).

Historicamente, as nações com modelos de gestão do Estado e a autonomia financeira integravam-se em blocos geoeconômicos, passando, dessa forma, a ditar as regras e parâmetros comerciais que deveriam ser firmados com outros blocos. A

polarização do comércio internacional, além da burocratização, encontrava desafios e resistências à entrada nos acordos comerciais e acesso às políticas alfandegárias, e muitos países, em especial os subdesenvolvidos, ficavam marginalizados frente ao processo de internacionalização das indústrias, do intercâmbio, de incentivos para as importações e de exportações - fenômenos considerados força motriz da indústria e desenvolvimento socioeconômico - com impactos no equilíbrio financeiro (Silva, Ferreira, Lima, 2021 p. 62).

Com despontar do século XIX, onde as primeiras tecnologias transformaram grande parte do mundo multipolarizada, globalizada e com economias dinâmicas, foi, aos poucos, a questão do comércio internacional adquirindo mais destaque e vigor, diante de reflexões estratégicas que evidenciavam de participação de mais países e outros blocos fossem sendo constituídos (Lenza; Caparroz, 2018).

O século XX trouxe, pois, um olhar mais particularizado a esse panorama, pois muitas legislações e regramentos foram sendo adotados, buscando aproximar as nações nos relacionamentos e nos acordos comerciais, romperam-se as barreiras alfandegárias, redução das taxas de câmbio, melhorias na movimentação logística e estímulos a negociações mais benéficas (Büttender, 2019). A liberação do comércio internacional, com isso, sofreu significativas reformulações e adaptações, promovendo cada vez mais as oportunidades necessárias para desenvolvimento desses processos comerciais a partir da perspectiva de valoração do crescimento econômico (Christ; Oliveira; Catellan, 2022).

Neste contexto o crescimento econômico é um conceito meramente quantitativo, porque se trata da maximização da capacidade produtiva de um país; este conceito é diretamente associado ao nível de atividade econômica, cujo reflexo é decorrente de resultados positivos de todos os setores produtivos (Escher; Wilkinson, 2019). A lógica por trás do crescimento econômico, dentro do conceito, de reconhecimento da capacidade produtiva como base para tal é sustentada pela concepção de comércio internacional.

Com a importação de produtos ou de matérias-primas adequadas de outros países, com menor disponibilidade em território nacional, o Estado intervém por meio de políticas econômicas em determinados produtos, para dar dinamismo e um gás ao seu processo produtivo, refletindo em crescimento dos campos de emprego, industrialização, modernização dos parques tecnológicos, desenvolvimento social, etc. (Lenza; Caparroz, 2018).

Dessa maneira, são dois conceitos intimamente relacionados, considerando os aparatos das Ciências Econômicas. No contexto brasileiro, tem-se buscado pelos governos instituídos, estabelecer e assegurar uma boa articulação com os países com os quais desenvolve negócios comerciais, definindo uma margem de segurança, um amigável modelo de gestão alfandegária, que estimula ainda mais uma aproximação e fortalecimento dessas relações, dentre outros aspectos (Büttender, 2019).

Essa visão comercial e análises têm gerado resultados expressivos e bons retornos financeiros, inclusive no contexto de crescimento econômico interno, ainda mais no contexto de relações comerciais entre Brasil e China, considerando a soja como principal produto acessível, de exportação e de fomento comercial entre esses países.

4.3 A produção de soja no Brasil e o papel no desenvolvimento econômico

Cada vez mais, em um contexto agroexportador e frente aos novos modelos tecnológicos de logística e desenvolvimento produtivo, o Brasil tem posicionado um maior destaque no fortalecimento de diversas relações comerciais realizados com vários países, inclusive desenvolvidos.

Os Estados Unidos, a União Europeia e os países orientais têm assegurado importantes canais estratégicos comerciais com o Brasil, de maneira a estabelecer mecanismos mais profícuos de estimular a produção de determinados produtos e, a partir de dinâmicas integradas de exportação, conquistando significativo destaque em relação ao cenário comercial, com alto impacto no desenvolvimento econômico (Marques; Campos, 2020).

Evidentemente, como enfoque central do presente estudo, a soja é um dos principais motores exportadores do país, atingindo desempenho comercial bastante significativo para o crescimento econômico nacional, ampliando oportunidades e potencialidades de negócios que permeiam e desenvolvem essa cultura específica. E, de fato, a cultura, a exportação e a comercialização da soja destacam contribuições que são inegáveis nesse sentido (Marques; Campos, 2020).

Ao longo dos anos, desde que iniciou a pontuar na curva de exportação e de produção no Brasil em 2015, a soja estabeleceu-se enquanto uma perspectiva política para a difusão de melhores atenções sobre o processo produtivo (Assunção,

2020). Com a busca por produto de qualidade, produzido a partir do emprego de mecanização e com alta tecnologia, a dinâmica comercial e exportadora tem exigido dos países maior atenção, interesse e assertividade nessas questões inclusive em produtividade (Bigolin, Baccin, Zardin, 2021).

A produção de soja no Brasil é uma das mais competitivas mundialmente no uso de tecnologia, emprego de inovações e quanto aos coeficientes técnicos de produção. No Brasil, em 2008–2016, a produção de soja cresceu 45,6% e a produtividade, 65,4%. Assim, a produção brasileira de soja vem crescendo com base no aumento da produtividade por hectare e não na expansão da área (Assunção, 2020, p. 41).

Com a soja, esses avanços foram sendo gradualmente observados no que compete a esses requisitos de comércio internacional. Além disso, tem-se notado a soja como produto consideravelmente preponderante para outros aspectos: geração de fonte combustível, alimentação humana e animal, dentre outros. Nesse sentido, especialmente, aplicável a diversos segmentos produtivos e comerciais, ante aos seus benefícios, a soja desempenha um valor inegável para a economia brasileira. A soja é adotada, em especial no Brasil, para a produção de proteína animal e saúde humana, considerando as suas fontes proteicas naturais, o que a insere diretamente como promotora de uma cadeia agroindustrial própria, de alto valor agregado ao comércio (Bigolin; Baccin; Zardin, 2021).

O cultivo da soja é exercido em todo o mundo, seu grão vegetal não é visto todos os dias na mesa e cotidiano do consumidor, mas graças a sua grande demanda industrial, se encontra presente na alimentação de alguma forma. A ampla porcentagem de grãos da soja é processada por muitas indústrias em que são transformados em vários produtos e entregues a consumidores podendo, então, estar presentes nas cozinhas, óleos, leite, proteína vegetal, carne animal e na produção dos biocombustíveis. Poder alcançar a máxima produtividade nas lavouras, é um dos grandes objetivos dos produtores para que assim também se possa alcançar o auge da sua produtividade. Para isso, é necessário que sejam feitas técnicas de manejo juntamente com clima favorável a este cultivo. Tais técnicas que podem ser citadas desde o manejo do solo, plantas invasoras, pragas, bem como doenças, sementes de qualidade como também a escolha de cultivares que se desenvolvam melhor de acordo com a região (Ramos, *et al.*, 2020, p. 79).

Assim, diante dos pressupostos supramencionados, o mercado produtor da soja, predominantemente, contempla seu uso como substrato para desenvolvimento de diversos setores alimentícios, perpassando a comercialização in natura, farelo para alimentação animal, produção química de óleos, derivados e biocombustíveis

que alimentam o ramo de biodiesel, sendo este um segmento pouco explorado no âmbito nacional, contudo amplamente difundido em outros países, como os Estados Unidos da América (Souza; Bittencourt, 2020).

Outrossim, observa-se que, sob qualquer prisma econômico, em especial os modelos de agronegócio e dinâmica de exportação, tem-se mobilizado desafios e significativas evoluções na produção e comercialização da soja; sua expansão e alta produtividade, com retornos rentáveis, deve-se, em grande parte, ao aumento da valorização dos grãos e seus componentes derivados para o mercado interno e externo, vistas as suas aplicações em vários segmentos econômicos e industriais.

Outras iniciativas que contribuíram para o bom desempenho da exportação e o valor econômico a soja contemplam, dentre outros, o advento das tecnologias, que potencializaram os aspectos de qualidade e reduziram os custos produtivos, e bons métodos de produção que asseguram a continuidade dessas condições, além de um clima e solo propícios à cultura; uma eficiente estrutura de governança potencializou crescimento da lucratividade auferida pelos produtores, estimulando maior incentivo à produção da soja (Ramos, et al., 2020). Incentivos que têm estimulado avanços do plantio da soja por grande espaço geográfico brasileiro, aos poucos substituindo os espaços que até então eram de grande maioria agropecuária, fundamentados pelo mercado favorável a essa cultura tornando-a como principal commodity.

Nesse sentido, pode-se considerar que a cadeia produtiva da soja ajudou e ainda ajuda no setor econômico brasileiro, onde houve a exploração para a implementação do cultivo em outras regiões com cultivares criadas para uma melhor adaptação e melhor produção, ressaltando que, além de ajudar no setor econômico do país, ajuda também no setor regional da localidade escolhida e produtor responsável pelo cultivo usando cultivares apropriadas e com técnicas de manejo mais eficazes para o plantio. Com isso, enxerga-se a soja brasileira como cultura de grande importância para o agronegócio do país, responsável pelo crescente volume de exportações e a consequente contribuição para a economia nacional. Ademais, o grão consolidou-se como a principal commodity agrícola do país, contando com um sólido mercado internacional e uma cadeia produtiva nacional bem definida e estruturada, sendo que o mercado favorável dos últimos anos propiciou o avanço da cultura pelo seu território (Bigolin; et al., 2021, p. 42).

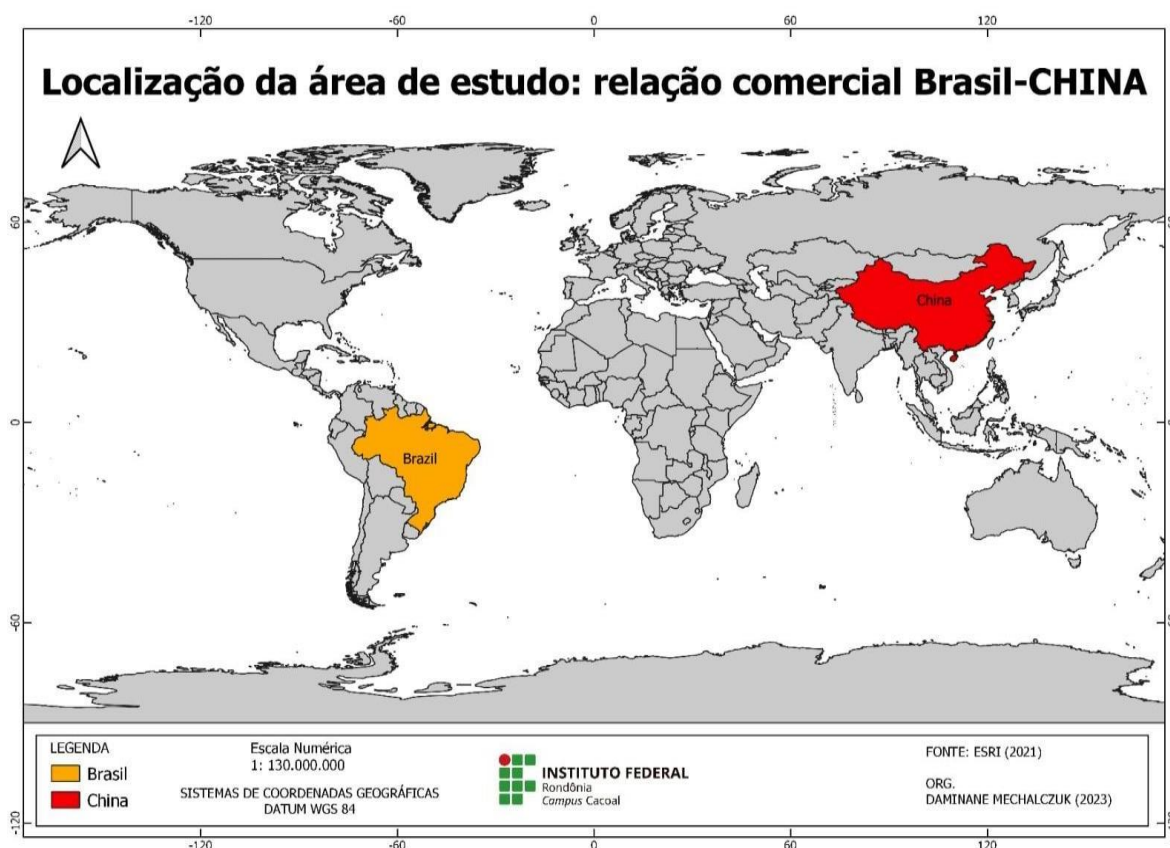
O território brasileiro nos últimos vinte anos viu esta evolução na perspectiva econômica da exportação da soja para a China. Logo a contribuição que se verifica é o acréscimo ano a ano desta participação tanto para o Produto interno bruto brasileiro, como do PIB chinês.

4.4 Relações comerciais Brasil-China (2002-2022), recorte sobre o produto da soja

O Brasil é um país da América do Sul que se destaca pela extensão do seu território de 8.510.417 km² e é o quinto maior país do planeta. O PIB (Produto Interno Bruto) do Brasil em 2022, por exemplo, foi de R\$ 10,1 trilhões. No último trimestre divulgado (3º trimestre de 2023), o valor foi de R\$ 2 741,0 bilhões segundo as informações (IBGE 2023). Quanto à educação, o Brasil ocupa o 53º lugar em educação, entre 65 países avaliados (PISA) em 2018, os dados mais recentes em 2022 apesar das dificuldades impostas pela pandemia o Brasil se manteve na mesma posição, os índices são preocupantes o país continuou na parte inferior da tabela, com notas muito abaixo das médias registradas pelos países da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) segundo informações (MPMT 2023). Segundo o IBGE (2023) a população encontra-se em 203.080.756 habitantes.

Em contrapartida, a China é um país da Ásia que se destaca pela sua extensão territorial de 9.596.961 km², sendo o terceiro maior país do planeta. O PIB (Produto Interno Bruto) da economia chinesa é dominado pelos setores manufatureiro e agrícola, alcançando US\$ 12,24 trilhões no último ano. A educação na China apresenta muitas peculiaridades que podem surpreender aqueles que ainda não conhecem o país. Diferentemente do que observamos no Brasil, o sistema educacional chinês valoriza três princípios essenciais: rigor, patriotismo e seletividade. Aliás, o país conquistou o primeiro lugar no PISA 2018, destacando-se por um ensino bastante rigoroso e seletivo. Em 2022, manteve-se entre os melhores colocados juntamente com Cingapura, que obteve a primeira posição; os países asiáticos dominaram as primeiras colocações (O Globo, 2023). A população chinesa totalizou 1.419.257.177 habitantes no último ano (Mundo Educação, 2023). A figura1 a seguir demonstra a localização dos países aqui apresentado neste estudo.

Figura 1- Mapa de localização da área de estudo: Relações comerciais sino-brasileira



Conforme apresentado, os dados apresentados na relação sino-brasileira expõe que a soja é o produto que fornece um acúmulo de valor e de participação deste produto agrícola no aumento do preço e no valor na exportação. Isto é verificado na tabela abaixo, onde verificamos o tamanho desta atividade econômica em ambas as economias.

Tabela 1 - Exportação da soja entre Brasil e China (2002-2022)

DATA				VAR. (%) IGUAL ANO ANTERIOR			PART. (%) DO PRODUTO EM VALOR NO TOTAL BRASIL
	VALOR (US\$)	QTD E (T)	PREÇO (US\$)	VALOR (US\$)	QTDE (T)	PREÇO (US\$)	
2002	3030,0	16,0	189,8	11,2	1,8	9,2	5,0
2003	4286,8	19,9	215,7	41,5	24,5	13,6	5,9
2004	5372,6	19,2	280,2	25,3	-3,5	29,9	5,6
2005	5311,8	22,3	238,2	-1,1	16,3	-15,0	4,5
2006	5647,4	24,9	226,9	6,3	11,6	-4,7	4,1
2007	6683,7	23,7	282,4	18,4	-4,9	24,5	4,2
2008	10952,2	24,5	447,0	63,9	3,5	58,3	5,6
2009	11424,3	28,6	400,0	4,3	16,6	-10,5	7,5
2010	11043,0	29,1	379,8	-3,3	1,8	-5,0	5,5
2011	16322,1	33,0	495,0	47,8	13,4	30,3	6,4
2012	17449,8	32,9	530,3	6,9	-0,2	7,1	7,3

2013	22812,3	42,8	533,0	30,7	30,1	0,5	9,8
2014	23277,4	45,7	509,4	2,0	6,8	-4,4	10,5
2015	20983,6	54,3	386,3	-9,9	18,9	-24,2	11,2
2016	19331,3	51,6	374,8	-7,9	-5,0	-3,0	10,8
2017	25717,7	68,2	377,3	33,0	32,1	0,7	12,0
2018	33055,0	83,3	397,0	28,5	22,2	5,2	14,3
2019	26077,2	74,1	352,0	-21,1	-11,0	-11,3	11,8
2020	28564,1	83,0	344,3	9,5	12,0	-2,2	13,7
2021	38638,7	86,1	448,7	35,3	3,8	30,3	13,8
2022	46558,5	78,7	591,4	20,5	-8,6	31,8	13,9

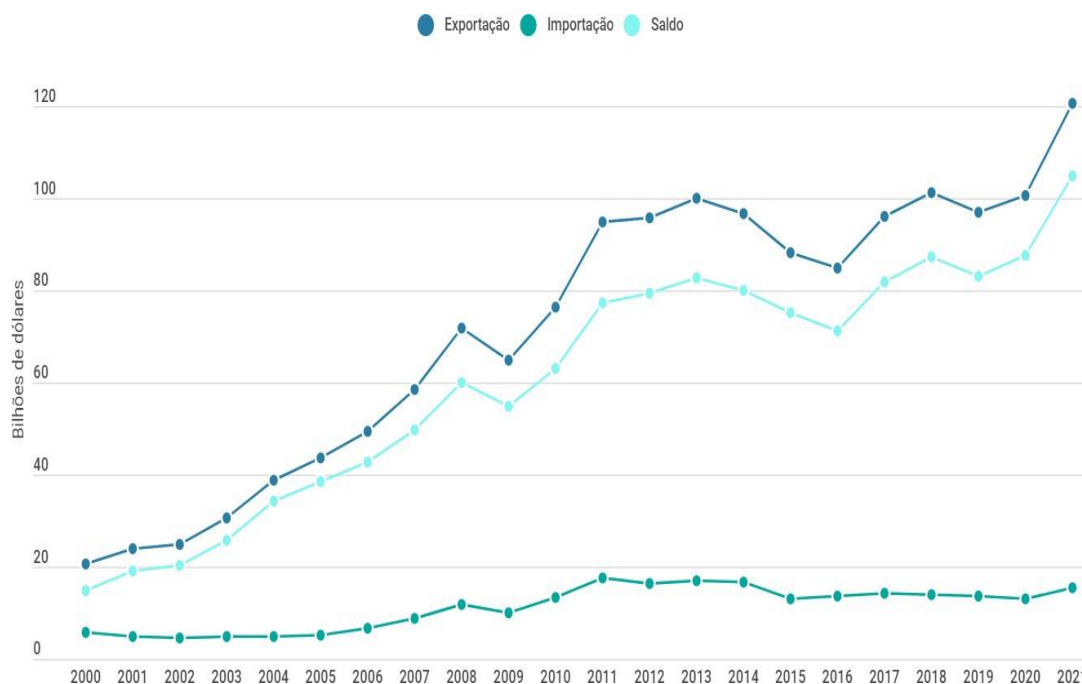
Fonte: Alfano, 2023.

De acordo com os dados apresentados na Tabela 1, que detalha a comercialização exterior do Brasil em relação à soja durante o período analisado (2002 a 2022), observa-se uma participação percentual expressiva das exportações desse produto na composição econômica do país. No entanto, entre 2005 e 2007, foi notada uma menor representatividade desse mercado, devido a várias flutuações nos preços e na quantidade exportada, especialmente quando comparado aos anos anteriores, resultando em um indicador acumulado relativamente baixo. A partir de 2014, a participação da soja nas exportações mundiais ultrapassou consistentemente a marca de 10%, destacando-se especialmente nos anos de 2018 (14,3%), 2022 (13,9%), 2021 (13,8%), 2020 (13,7%) e 2017 (12,0%). Os percentuais referentes ao período de 2014 a 2022 impulsionaram as exportações de soja devido à concessão de incentivos alfandegários e diversas iniciativas de internacionalização do mercado exportador, refletidas no Brasil por meio da abertura econômica e do fortalecimento das relações de comércio exterior. Por sua vez, as exportações de produtos agrícolas, a partir dos anos 2000, passaram a ditar o ritmo de produção e a contribuir positivamente para a balança comercial, devido à qualidade dos produtos e aos estímulos à comercialização internacional.

Nesse contexto de análise, o comércio de produtos do setor agrícola, incluindo a soja, tem apresentado avanços significativos e crescimento, evidenciando uma participação de cerca de 8% entre 2001 e 2014, com incrementos ainda mais expressivos na dinâmica econômica brasileira a partir de 2014. Entre os principais fatores que explicam esses números e o surto de desenvolvimento da internacionalização produtiva no Brasil, destaca-se um ambiente mais regulado, com redução das tarifas alfandegárias e estímulos aos produtores internos para participarem desse processo, o que se refletiu no cenário da soja. Através dessa dinâmica produtiva e de articulação que envolve os principais atores do

desenvolvimento do comércio exterior, observa-se que o Brasil tem adquirido cada vez mais autonomia e relevância no cenário internacional em relação às importações e exportações, inserindo a soja nesse contexto, como evidenciado na Figura 2:

Figura 2 - Participação do Brasil em importações e exportações (2000 a 2021)

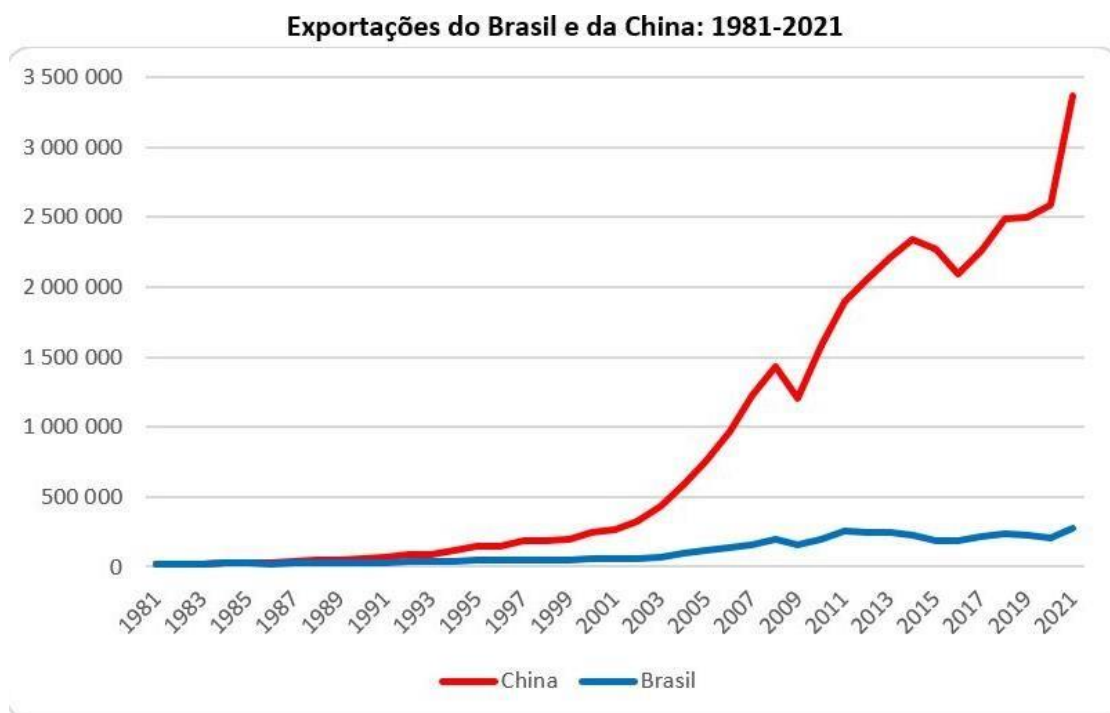


Fonte: Embrapa. 2022.

No que compete à exportação do produto da soja, esta deverá, conforme as projeções da Secretaria de Relações e Comércio Exterior, crescer 33,6% até 2030. Evidentemente, a China ocupa uma posição privilegiada no comércio internacional com o Brasil, ainda mais quanto à importação de soja. Isso decorre do contexto de expressividade do país em relação à soja. Conforme o Conselho Nacional de Abastecimento (CONAB), com dados de junho/2023, o Brasil ocupa o segundo lugar entre os produtores de soja mundial, com produção anual de 114,843 milhões de toneladas, área plantada de 35,822 milhões de hectares e, por sua vez, uma alta produtividade de 3.206 kg/ha.

A figura 3, abaixo, apresenta os percentuais de participação da China em relação às exportações brasileiras, compreendendo os anos de 1981 a 2021.

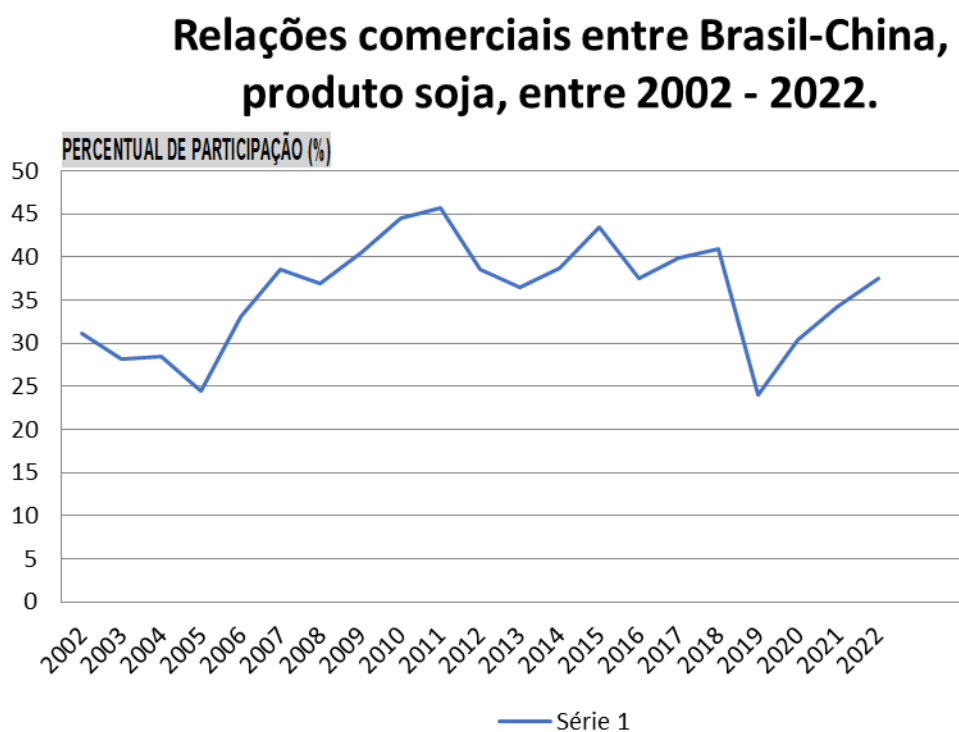
Figura 3 - Participação da China na exportação com o Brasil (1981-2021)



Fonte: Eco Debate. 2021

Dessa maneira, em relação ao comércio internacional desenvolvido com os chineses, observa-se uma significativa participação do país asiático nesse construto de exportação, inclusive da soja, em especial desde 2017 e a maior participação em 2020 (32,4%). Observou-se, em 2021, uma queda em relação ao ano de 2021. Aqui, a soja refletiu em grande parte dessa proporção, em especial por conta da entrada mais agressiva dos Estados Unidos (EUA) na comercialização de soja com a China e os estímulos a preços mais competitivos e incentivos alfandegários.

Figura 4 - Relações comerciais entre Brasil-China, produto soja, entre 2002 - 2022.



Fonte: Atlas of Economic Complexity.

Conforme a tabela 3 versou entre 28% a 43% o percentual de participação na exportação de soja entre Brasil-China (2002 a 2022), tornando esse relacionamento comercial significativo, sendo o ano de 2010 e 2011 com evidência de uma maior presença na comercialização do referido produto, com a resposta, respectivamente, de 45,67% e 44,55%, seguidos dos anos de 2015 (43,47%), 2018

(40,96%) e 2009 (40,56%). Por sua vez, observou-se a menor participação em 2003 e 2004, período em que a exportação brasileira com outros países do mundo ficou fundamentada em outros produtos, a exemplo do alumínio, cobre e outros bens agrícolas, como o café.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as análises realizadas sobre as relações comerciais entre Brasil e China no contexto da exportação de soja no período de 2002 a 2022, é possível concluir que a participação da China foi vantajosa para o Brasil. Ao longo dessas duas décadas, a China se consolidou como o principal destino das exportações brasileiras de soja, representando uma parte significativa do mercado para o produto.

Em primeiro lugar, a presença da China como principal destino das exportações brasileiras de soja proporcionou estabilidade e crescimento ao setor agrícola do Brasil. O país se tornou um dos maiores produtores e exportadores mundiais de soja, impulsionando não apenas a economia agrícola, mas também a economia nacional como um todo, gerando empregos, renda e investimentos em infraestrutura.

Além disso, a demanda crescente da China por soja brasileira incentivou a modernização e a adoção de práticas agrícolas mais eficientes e sustentáveis no Brasil. Isso levou a avanços significativos em termos de produtividade, qualidade e responsabilidade ambiental, contribuindo para a conservação dos recursos naturais e a mitigação dos impactos negativos da agricultura. Outro ponto relevante é o fortalecimento dos laços diplomáticos e comerciais entre Brasil e China. A parceria no comércio de soja serviu como uma base sólida para uma relação bilateral mais ampla, abrindo portas para cooperação em diversos setores, como infraestrutura, energia, tecnologia e educação.

Ademais, a presença da China como um parceiro comercial confiável e de longo prazo proporcionou estabilidade ao mercado brasileiro de soja, garantindo uma fonte constante de receita para os produtores e exportadores, mesmo em períodos de volatilidade econômica global.

No entanto, é fundamental reconhecer que essa relação também apresentou desafios, incluindo questões ambientais e comerciais. O desmatamento na Amazônia e outros problemas ambientais foram motivo de preocupação e críticas por parte de organizações internacionais e da sociedade civil, exigindo um esforço conjunto para encontrar soluções sustentáveis.

A participação da China nas relações comerciais de exportação de soja do

Brasil foi vantajosa, proporcionando benefícios econômicos, sociais e ambientais significativos para ambos os países. No entanto, é essencial que essa parceria seja cultivada e gerenciada de forma responsável, visando o bem-estar das gerações presentes e futuras.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFANO, Bruno. **Pisa 2022: asiáticos dominam as melhores colocações; veja gráfico.** O Globo. 2023. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/noticia/2023/12/05/pisa-2022-asiaticos-dominam-as-melhores-colocacoes-veja-grafico.ghtml>. Acesso em 08/01/2024.

ASSUNÇÃO, Paulo. **Competitividade da produção de soja entre Brasil e Paraguai.** Revista de Política Agrícola, v. 29, n. 4, p. 32-58, 2020.

BASTOS, José Messias; DE MORAIS MACHADO, Edson; WESSLER, Matheus Ayres. **A espacialização da produção de soja no paraná e a evolução das exportações de grãos pelo porto de Paranaguá entre 2010 e 2020.** Revista geografar, v. 18, n. 1, p. 24-44, 2023.

BECARD, Danielly Silva Ramos. **O que esperar das Relações Brasil-China.** Revista Sociologia Política, Curitiba (PR), v. 19, n. suplementar, p.31-44, nov. 2011.

BIGOLIN Bianca; BACCIN, Maria; ZARDIN Tiago. **Produção de soja: perspectivas sociais e ambientais a partir do olhar do produtor.** Geosul, v. 36, n. 79, 2021.

BRASIL MIDC (Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços). **Balança Comercial e Estatísticas de Comércio Exterior.** 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/produtividade-e-comercio-exterior/pt-br/assuntos/comercio-exterior/estatisticas>>. Acesso em: 30 mai. 2023.

BRASIL MINISTÉRIO DA ECONOMIA. **Brasil avança na inserção internacional em 2022.** 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/economia/pt-br/assuntos/noticias/2022/dezembro/brasil-avanca-na-insercao-internacional-em-2022>>. Acesso em: 29 mai. 2023.

BRASIL. Secretaria de Comércio Exterior. **Resultados do Comércio Exterior Brasileiro - Dados Consolidados.** 2023. Disponível em: https://balanca.economia.gov.br/balanca/publicacoes_dados_consolidados/pg.html#produtos. Acesso em: 08/01/2024.

BÜTTENBENDER, Elisa. **O crescimento econômico esperado da participação no comércio internacional e o movimento cíclico dos preços.** 2019. 231 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Economia do Desenvolvimento) - Programa de Pós-Graduação em Economia, Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, Rio Grande do Sul, 2019.

CASTILLO, Ricardo; FREDERICO, Samuel. **Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo.** Sociedade & Natureza, v. 22, p. 461-474, 2010.

CAVALCANTI, Matuzalem; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Territorialização do agronegócio e concentração fundiária**. Revista Nera, n. 13, p. 16-25, 2012.

CHRIST, Gabriela; OLIVEIRA, Alda; CATTELAN, Renata. **As exportações brasileiras no comércio internacional**. In: XLVI Encontro da ANPAD- EnANPAD, n. 16, 2022.

CHRISTOFFOLI, Pedro; ALMEIDA, Janailson. **Relações Brasil-China: exportações do agronegócio brasileiro, questões agrárias, de segurança e soberania alimentar e dependência**. Revista Estudos do Sul Global, v. 2, n. 1, 2023.

CONAB. COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **Produção e balanço de oferta e demanda de grãos**. Quarto levantamento, janeiro 2023 – safra 2022/2023. Brasília:

DA FONSECA TONIOL, Fernanda Perdigão; DA SILVA FAURO, Janice Costa; SERRA, Elpídio. **O espaço agrário pela ótica do espaço geográfico e da paisagem**. Revista percurso, v. 8, n. 1, p. 111-128, 2016.

DOS SANTOS ARACRI, Luís Angelo; DE OLIVEIRA AMARAL, Gabriela Montessi; LOURENÇO, Taiana Ciscotto Martins. **A expansão do cultivo da soja e as transformações do espaço agrário no cerrado mineiro**. Revista de Geografia-PPGEO-UFJF, v. 1, n. 2, 2011.

ELIAS, Denise. **Consumo produtivo e urbanização no Brasil: as cidades do agronegócio**. Revista Ciência Geográfica, v. 26, n. 2, p. 1003-1019, 2022.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (Embrapa). **Crescimento das exportações brasileiras e atendimento a novos mercados**. 2022. Disponível em: <https://www.embrapa.br/visao-de-futuro/intensificacao-tecnologica-e-concentracao-da-producao/sinal-e-tendencia/crescimento-das-exportacoes-brasileiras-e-atendimento-a-novos-mercados>. Acesso em: 08/01/2024.

ESCHER, Fabiano; WILKINSON, John. **A economia política do complexo Soja-Carne Brasil-China**. Revista de Economia e Sociologia Rural, v. 57, p. 656-678, 2019.

ESPÍNDOLA, Carlos José. CUNHA, Roberto César Costa. **A dinâmica geoeconômica recente da cadeia produtiva da soja no Brasil e no mundo**. GeoTextos, vol. 11, n. 1 pg. 217-238, julho 2015.

FREDERICO, Samuel. **Modernização da agricultura e uso do território: a**

dialética entre o novo e o velho, o interno e o externo, o mercado e o estado em áreas de cerrado. GEOUSP Espaço e Tempo (Online), v. 17, n. 2, p. 46-61, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Produto Interno Bruto - PIB.** 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/pib.php>. Acesso em 25/12/2023.

LENZA, Pedro; CAPARROZ, Roberto. **Comércio Internacional e Legislação Aduaneira Esquemático.** São Paulo: Saraiva Educação SA, 2018.

MAGNANINI, Ruth (Tradução). **Geografia Econômica**, 2ª Edição. Título original: Précis de Géographie Économique. 1978.

MARQUES, Marcos Antônio Pinheiro. **O espaço na geografia de Milton Santos.** 2018.

MARQUES, Tomas; CAMPOS, Reinaldo. **Uma análise do comércio bilateral Brasil-China: o caso da soja.** Revista Tempo do Mundo, n. 24, p. 379-402, 2020.

MASSUQUETTI, Angélica et al. As relações comerciais agrícolas entre Brasil e China no período 2000-2011: perspectivas para o agronegócio brasileiro. **Nexos Econômicos**, v. 7, n. 2, p. 131-148, 2013.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE MATO GROSSO (MPMT). **Ranking da educação: Brasil está nas últimas posições no Pisa 2022.** G1. 2023. Disponível em: <https://mpmt.mp.br/portalcas/news/729/132680/ranking-da-educacao-brasil-esta-nas-ultimas-posicoes-no-pisa-2022>. Acesso em 02/01/2024.

OLIVEIRA, I. C. M. De, B. MACHADO, Da Silva, P. W. OLIVEIRA, M. A. de. **Relação Comercial entre Brasil e China: Um Estudo Sobre a Agropecuária.** Revista Científica Acerte - ISSN 2763-8928, [S. l.], v. 2, n. 4, p. e 2469 2022.

ONU (Organização das Nações Unidas). **World Population Prospects: The 2012 Revision, Key Findings and Advance Tables. Working Paper No. ESA/P/WP.227.** Nova York: Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais, Divisão de População (DESA), 2013.

PEREIRA, Sávio Rafael. **A evolução do complexo soja e a questão da transgenia.** Rev. Política Agrícola, Ano XIII - Nº 2 - Abr./maio/jun. 2004.

RAMOS, Caroline, et al. **Competitividade e inserção da soja brasileira no mercado internacional.** Revista de Ciências Agrárias, v. 43, n. spe1, p. 74-85, 2020.

RIBEIRO, Wagner Costa. **Globalização e geografia em Milton Santos**. Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, v. 6, n. 124, 2002.

SANTOS, Milton. **Técnica espaço tempo – Globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo, maio de 1994.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. 1994.

SECRETARIA DE COMÉRCIO EXTERIOR. **Comportamento da Balança Comercial do Brasil: balanço para os meses de janeiro a junho de 2023**. Brasília: SECEX, 2023.

SILVA, Aline; FERREIRA, Monaliza; LIMA, João. **Crescimento econômico Brasil-China: uma análise da validade da hipótese Export-led-growth no período de 1960 a 2018**. Estudos Internacionais: revista de relações internacionais da PUC Minas, v. 9, n. 3, p. 53-74, 2021.

SIMÕES, Leticia. **49 anos de Relações Brasil-República Popular da China: um balanço**. Orbis-Boletim Trimestral do LEPEB/UFF, v. 1, n. 2, p. 10-14, 2023.

SOUSA, Rafaela. **A China é uma das maiores potências mundiais e o país que apresenta maior crescimento econômico. Esse território de cultura milenar é repleto de tradições e belas paisagens. Mundo Educação**. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/china>. Acesso em 08/01/2024.

SOUZA, Klismann; BITTENCOURT, Geraldo. **Avaliação do crescimento das exportações brasileiras de soja em grão**. Revista de Política Agrícola, v. 28, n. 4, p. 48, 2020.

TURNOWSKI, Gabriel. **Brasil e China: relações comerciais e sua evolução. 2022**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Econômicas) - Faculdade de Economia, Administração, Contábeis e Atuariais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

UDOP, Energia que Inova. **Melhora nas exportações de commodities impulsiona superávit brasileiro**. Estadão Conteúdo. 2022. Disponível em: <https://www.udop.com.br/noticia/2022/12/19/melhora-nas-exportacoes-de-commodities-impulsiona-superavit-brasileiro.html>. Acesso em: 08/01/2024.

USDA. UNITED STATES. **Department of Agriculture. Market and trade data**. 2014. Disponível em: <<http://www.fas.usda.gov/psdonline/psd-Query.aspx>>. Acesso em: 08/01/2024.

VILLELA, Eduardo VM. As relações comerciais entre Brasil e China e as

possibilidades de crescimento e diversificação das exportações de produtos brasileiros ao mercado consumidor chinês. **Grupo de Estudos da Ásia-Pacífico, PUC/SP**, 2004.